

Construções na areia

“Respira futebol! Devora futebol!”

Coca-Cola

Patrioticamente, as forças vivas do país profetizaram a vitória do nosso futebol olímpico, segundo a lógica do Doutor Salazar que, ao inaugurar o Estádio Nacional, decretou que o povo queria era bola viva e coice fino e que “na Rússia não havia futebol”. Viu-se.

O Doutor Salazar não gostava de futebol (era demasiado primário para isso); em contrapartida, o desportivismo político dos nossos dias chegou ao ponto de o Ministro da Educação anunciar que iríamos subir ao pódio de Atlanta com um golo de Sá Pinto e outro de Domingos. Viu-se.

O que vale é que os nossos campeões não só souberam assumir a derrota como não quiseram desculpá-la com razões mais do que evidentes. Na verdade, eles chegaram à Geórgia num estado de pobreza só comparável ao dos negros da Guerra Civil e por isso tiveram que reivindicar mais alguns magros escudos de subsistência. Acresce que vinham tão ensurdecidos com promessas de vitória que não conseguiam ouvir as instruções do senhor professor Vingada, estrategista clarividente que lhes preconizava “uma data internacionalmente histórica” (sic) nesta campanha lusitana. Depois, as coisas na mãe-pátria também não estavam lá muito de fiar, e eles sabiam-nas como ninguém. Entre os patrões do futebol havia clérigos acusados de terrorismo, advogados sem justa causa (um deles já na cadeia, por sinal) e, de quando em quando, altos dirigentes a serem visitados pela Judiciária com o objectivo sinuoso de desestabilizar a moral dos jogadores, já que a dos patriarcas se mantinha inalterável. Toda esta herança de “dribblings” e de “off sides” à má fila constrangiu os nossos rapazes e deixou o país mais pobre.

Porque, Portugueses, se em Atlanta o destino não

nos tivesse traído e dali houvéssemos regressado com a glória a que temos jus, se a medalha de ouro, de prata, de bronze ou de latão tivesse ascendido ao peito dos nossos onze magníficos qual testemunho de universal reconhecimento, então, Portugueses, a Pátria amiga ter-nos-ia sido mais pródiga para sempre em bem-estar, cultura e justiça social. O totonegocio, que antes dividira o país e indignara as consciências, seria revisto e implantado por aclamação geral do povo e alargado ao totoloto, à lotaria e às comissões do Casino. O Cónego Melo, além de director da Judiciária, assumiria o cargo de Supremo Inquisidor do

Jornalismo Desportivo. O empresário Valentim Loureiro, como provedor ad honorem, presidiria a todas as Misericórdias do Reino. As Universidades consagradas instituiriam doutoramentos em futebol — se necessário, sob a insígnia “Mens nula in corpore ludico” para os tornar mais acessíveis. Criação de um “subsídio radical” como incentivo à ética das claque e de uma frota aérea para uso exclusivo dos dirigentes do futebol nacional, famílias e convidados. Imunidades jurídicas absolutas para os membros da Federação e da Liga dos Clubes. Isenção de impostos. Isenção de impostos.

E, no entanto, aconteceu-nos uma medalha de ouro — nunca

no futebol, já se sabe, mas no atletismo onde realmente temos louros internacionais. E vimos a dignidade com que Fernanda Ribeiro a conquistou e admirámos o sóbrio comportamento de Carla Sacramento no lugar indiscutivelmente honroso que alcançou nesta Olimpíada.

Finalmente, em corolário de glória, os velejadores Hugo Rocha e Nuno Barreto trouxeram-nos uma medalha de bronze: sem alardes, sem exibicionismos; com a verticalidade dos verdadeiros campeões.

Mas nada disto pareceu compensar a derrota dos nossos génios da bola e das impensáveis cavilações que andaram à volta deles. E já que o sonho acabara em debandada, as massas indefectíveis, numa promoção galopante, resolveram consagrar os atletas do voleibol de praia, exibindo-os com falsas medalhas ao pescoço.

Construções na areia, chama-se a isto. Sonhos de Verão que o mar apaga, como os do concurso do “Diário de Notícias” do sinistro Doutor Augusto de Castro. Oxalá os nossos dois jogadores de praia saibam resistir a esta maré de histeria e venham ostentar em breve as autênticas medalhas a que sem dúvida terão direito.



José Cardoso Pires

Entre os patrões do futebol havia clérigos acusados de terrorismo, advogados sem justa causa (um deles já na cadeia, por sinal) e, de quando em quando, altos dirigentes a serem visitados pela Judiciária com o objectivo sinuoso de desestabilizar a moral dos jogadores, já que a dos patriarcas se mantinha inalterável.